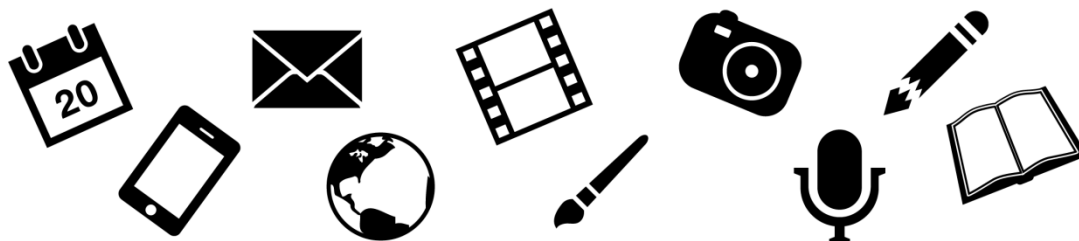




**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

09 e 10 de dezembro de 2017

Queijo artesanal quer sair da ilegalidade / Projeto de lei / Pequenos fabricantes / UFSC / Formalização / Turismo rural / Queijo de leite cru / Questão sanitária / Professor / Departamento de Ciência e Tecnologia de Alimentos / Juliano Lindner / Pasteurização / Carlo Petrini / Slow food / Doutoranda / Ciência de Alimentos / Michele Carvalho

SÁBADO E DOMINGO, 9 E 10 DE DEZEMBRO DE 2017

22

ECONOMIA

QUEIJO ARTESANAL QUER SAIR

PROJETO DE LEI tiraria da informalidade 6 mil agricultores catarinenses que fabricam o produto a partir de leite cru e correm o risco de abandonar a atividade

LARISSA LINDER
larissa.linder@somosnsc.com.br

"Hoje, é mais fácil entrar um fuzil de outro Estado em Santa Catarina do que uma peça de queijo." A frase do deputado estadual Gelson Merisio (PSD), escrita em um artigo publicado no DC em novembro, procurava exaltar o rigor sanitário do Estado. Pode até parecer exagero, mas não para quem produz queijo artesanal de leite cru (não pasteurizado) em Santa Catarina e no Brasil. Agora, um projeto de lei estadual (470.5/2017) pretende facilitar a formalização e legalização de pequenos fabricantes. Embora tenha sido feito a várias mãos, com a participação de agricultores e pesquisadores da UFSC, quem assina a proposta é o deputado estadual João Amin (PP):

— SC é reconhecida internacionalmente pelas questões sanitárias. Vendemos carne suína e de frango para o mundo inteiro. É claro que é preciso ter cuidados, mas temos de agregar valor e fazer com que esse pessoal saia da ilegalidade. A lei permitirá que 6 mil famílias paguem imposto e fabriquem mais um produto catarinense com potencial para ser reconhecido nacional e internacionalmente.

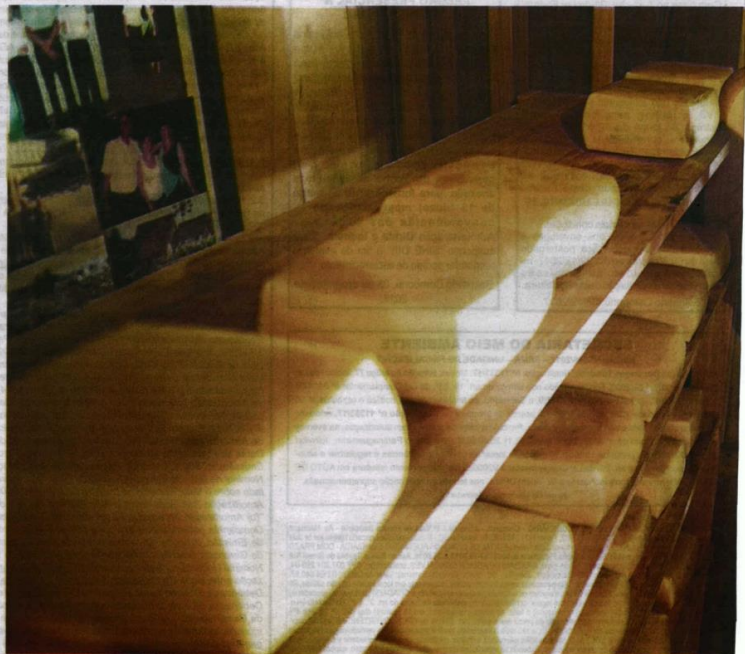
O Estado já é um campeão quando se fala em qualidade dos queijos. Os produtos catarinenses ficaram na terceira posição no 3º Prêmio Queijo Brasil realizado em São Paulo, em outubro. Só que das 29 variedades laureadas, 17 não têm a venda formalizada e legalizada em Santa Catarina, como o Kochkise, produzido há gerações no Vale do Itajaí. No Estado, o queijo serrano é uma variedade que ganhou legislação específica e pode ser comercializado desde que passe por 60 dias de maturação.

Sem o impulso da formalização, justifica o PL, esses produtos correm o risco de desaparecer. Segundo o último censo agropecuario do IBGE, de 2006, havia 5,8 mil propriedades rurais que produziam queijo em SC, um queda de 90% em relação a 1996.

Cristiano Marchi, 29 anos, é um dos produtores que seria beneficiado pela medida. Ele faz o queijo Diamante — medalhista de bronze na premiação nacional —, nome da região onde mora em Major Gercino. Há dois anos, ele trilhou o caminho inverso do êxodo rural, ao sair de Florianópolis e voltar para a cidade natal. Faz o queijo da mesma forma que o pai e o avô, com a "ajuda" das quatro vacas que chama pelos nomes Cristina (em homenagem a Kirchner), Gata, Beca e Morena.

Apesar do reconhecimento pela qualidade do produto, Marchi deve engrossar as esta-

Cristiano Marchi produz o premiado queijo Diamante, mas corre o risco de abandonar a atividade pela falta de regularização



5,8 mil

propriedades rurais em Santa Catarina produziam queijo dados do IBGE em 2006. O número representava uma queda de 90% em relação a 1996

tísticas e trocar o campo pela cidade se não conseguem regularizar a fabricação de queijos. Além do PL, ele aposta em um financiamento a fundo perdido no Banco do Brasil para a construção de sete queijarias modelo.

— Nós chegamos ao fundo do poço. Estava há dois anos parado. Agora, com o projeto das queijarias, se conseguirmos aprovar a lei, podemos pensar em ter turismo rural e outras fontes de renda. Muita gente já saiu daqui. O quê você vai fazer? Criar boi ou vender leite para a indústria? Aqui não tem diamante nenhum, nosso diamante é nosso queijo — diz Marchi.

LEGISLAÇÃO PARA PEQUENOS NÃO ESTÁ SENDO CUMPRIDA

Embora o Ministério da Agricultura (Mapa) tenha, desde 2013, uma instrução normativa que permite a comercialização de queijo de leite cru, uma regulamentação que a Companhia Integrada de Desenvol-

vimento Agropecuario de SC (Cidasc) afirma cumprir, produtores se queixam das inúmeras exigências incompatíveis com quem não tem o tamanho de uma indústria. Para resolver isso, há uma lei estadual de 1997, específica para os pequenos. Na prática, contudo, ela seria ignorada por parte dos fiscais, de acordo com relatos de agricultores que pediram para não ser identificados, obrigando um pequenos a seguir as mesmas exigências da agroindústria, como pagar por um responsável técnico. Confrontada com a informação, a Cidasc silenciou a respeito.

— É claro que tem que ter cuidados. Mas hoje é impossível para os pequenos (da forma como é exigido), já que eles (os órgãos fiscalizadores) praticamente ignoram a lei de 97. O PL vai ser fundamental inclusive na questão sanitária. Na nossa região tem mais de cem pequenos produtores que fazem queijo em casa e vendem escondido. Isso ia formalizar esse povo e melhorar a qualidade — explica um agricultor.

A médica veterinária da diretoria de inspeção de produtores de origem animal da Secretaria de Estado da Agricultura Mara Rubia Pinto defende que não é uma questão de burocracia, mas de saúde pública. A instituição, diz, se preocupa com o controle da brucelose e da tuberculose nos rebanhos, que podem ser transmitidas aos humanos.

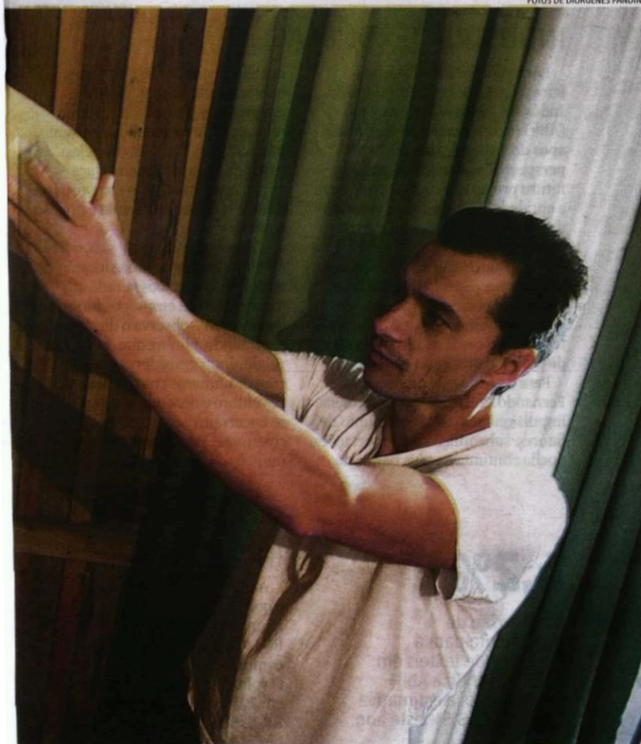
RISCOS PARA A SAÚDE EM DEBATE

O professor do departamento de Ciência e Tecnologia de Alimentos da UFSC Juliano Lindner afirma que o leite não pasteurizado está sujeito à proliferação de bactérias, inclusive patogênicas. São microrganismos potencialmente danosos para a saúde humana que podem causar infecção e intoxicação alimentares, por exemplo. Por isso, a pasteurização foi um marco no combate a várias doenças transmitidas pelo leite. Comer o queijo de leite cru, no entanto, é diferente de beber o leite. Se produzido de forma adequada, as bactérias ácido-láticas que serão dominantes na maturação evitam que as variedades prejudiciais se multipliquem. Essas bactérias boas têm outra função: são responsáveis pela variedade de sabores, texturas e odores da queijaria pelo mundo. A professora da Universidade Federal de Viçosa (UFV) Célia Ferreira afirma que com a pasteurização há morte de bactérias boas e ruins.

Parte da polêmica entre órgãos fiscalizadores e defensores dos queijos artesanais se dá pela regra do tempo de maturação. Muitos dos órgãos entendem que são necessários ao menos 60 dias para que não reste um nível inseguro de bactérias. Em SC, a única lei que fala em queijo de leite cru é a do serrano, que exige mais de 60 dias de maturação, e desde que seja feito na serra catarinense.

DA ILEGALIDADE

“O Brasil possui uma diversidade imensa de queijos pouco conhecidos”



FOTOS DE DIOGENES PANDINI

ENTREVISTA



O italiano Carlo Petrini, presidente global do movimento Slow Food (ONG que prega alimentação de qualidade), é um dos maiores defensores dos queijos de leite cru no mundo. Em entrevista exclusiva ao Diário Catarinense, ele comenta como é a legislação na União Europeia e a sua visão sobre a importância da preservação desses queijos.

Quais são as regras para a produção de queijo artesanal de leite cru na União Europeia? O que ainda é proibido? Há polêmica lá como há aqui quanto à comercialização desse tipo de queijo?

A União Europeia desenvolveu uma legislação muito aberta que permite a utilização de leite não pasteurizado, mas nem todas as leis reconheceram adequadamente as diretrizes. Se analisarmos o estado das DOP (denominações de origem protegidas, indicação geográfica definida em lei que protege determinados alimentos regionais e a forma tradicional como são feitos) europeias, percebemos que apenas 8% dos protocolos de produção realmente requerem pasteurização. Felizmente, na Europa, a produção de queijo com leite cru ainda é generalizada entre artesãos e caseiros.

CARLO PETRINI
Presidente global do movimento Slow Food e embaixador da ONU contra a fome

extremamente importantes para milhares de famílias de produtores no Brasil e em todo o mundo. Eles sintetizam a relação entre as pessoas, os animais, o ambiente e a bagagem de saberes e técnicas transmitidas de geração em geração em cada território. São também a principal fonte de renda da maioria destes produtores, além de um produto identitário da cultura e central no cotidiano e nas celebrações de várias comunidades. O Brasil, com a diversidade de influências, territórios, climas e técnicas particulares, possui uma diversidade imensa de queijos artesanais ainda pouco conhecida. São produtos excelentes, com características próprias e sabores únicos. Preservar e defender o queijo artesanal de leite cru é garantir a dignidade e a renda destas famílias, a permanência e a produção sustentável do homem no campo e o nosso direito de escolher, de comer e de compartilhar alimentos especiais.

Qual a expectativa do Slow Food sobre o projeto de lei em defesa dos queijos de leite cru de Santa Catarina?

A expectativa é que este projeto consiga o máximo de apoio dos deputados para ser aprovado. A população tem que se envolver para não permitir que a indústria faça lobby negativo e para pressionar os seus representantes. Cabe aos interessados participarem. E quando se fala de alimento bom, limpo e justo, os interessados são todas as pessoas.

Mineira em defesa dos catarinenses

Além de regularizar os agricultores, o projeto de lei traz normas para que se possa produzir e vender o queijo artesanal como a implementação de boas práticas de ordenha.

– Hoje reclamam que os produtores não atuam em condições adequadas. A lei, além de exigir que eles cumpram pré-requisitos como a sanidade do rebanho e produção dentro dos parâmetros microbiológicos, vai dar a possibilidade de terem acesso ao apoio técnico de órgãos públicos, que hoje só atende os formalizados – argumenta a doutoranda em Ciência de Alimentos na UFSC Michelle Carvalho, uma das redatoras do projeto de lei.

No Brasil, quem abriu o caminho para o reconhecimento dos queijos de leite cru foram os mineiros. Desde 2002, alguns dos mais tradicionais produtores de Minas Gerais são legalizados. Mineira, Michelle encampa a defesa dos queijos catarinenses há 15 anos. A pesquisadora veio para Santa Catarina ao ser contratada para prestar consultoria a produtores que compravam equipamentos de pasteurização.

– Eu comecei a ver que aquilo (pasteurizar) mudava o produto deles, descaracterizava, e decidi estudar os queijos artesanais catarinenses – explica.

Segundo o presidente internacional do Slow Food (ONG que defende modos de produção e alimentos tradicionais), o italiano Carlo Petrini, há que se considerar ainda o lobby da indústria, já que com mais produtores artesanais de queijo, cai a oferta de leite para as grandes empresas.

– O leite cru é o único que garante a diversidade dos queijos, a pasteurização homogeneiza o produto. Os governos que escolhem pasteurizar em razão de uma fobia hiper-higienista não fazem justiça à biodiversidade – diz Petrini.

Na avaliação do gestor do departamento de inspeção de produtos de origem animal da Cidasc, Sergio Silva Borges, o projeto de lei é “coerente” e “bem redigido”, mas ele reclama de a instituição não ter sido procurada para colaborar. Borges afirma não se opor, entretanto, faz ressalvas:

– Como órgão fiscalizador, precisamos dar a garantia que o queijo de leite cru é seguro. Eu não sou contra, mas tenho que ser convencido microbiologicamente e físico-quimicamente. O *Staphylococcus* é uma bactéria que pode causar lesão neurológica. Vamos supor que isso acontece com o seu filho. Você vai cobrar de quem? De quem deu o registro.

Por que considera importante que esse tipo de produto seja preservado no Brasil?

Os queijos de leite cru são alimentos



Veja entrevista completa em bit.ly/queijos



Produtos fabricados em Major Gercino passam por processo de maturação

Diário Catarinense e A Notícia
Versar
"Ecosistema de inovação"

Ecosistema de inovação / Polos tecnológicos / Relações de trabalho /
Tecnologia / Produtividade / Incubadora / Startups / UFSC / Economia /
Fundação Certi / Carlos Schneider / Acate / Associação Catarinense das
Empresas de Tecnologia / Empreendedorismo

A Notícia – Contracapa



9 E 10 DE DEZEMBRO DE 2017

vercar

MINDSET **TECH**

POLOS
TECNOLÓGICOS
ESPALHADOS
PELO ESTADO
MUDAM PARA
MELHOR AS
RELAÇÕES DE
TRABALHO EM SC





ECOSSISTEMA

DE INOVAÇÃO

EMPRESAS DE TECNOLOGIA SE PROLIFERAM EM SC E JÁ INFLUENCIAM A FORMA DE TRABALHAR NO ESTADO

TEXTO THIAGO SANTAELLA | especial

Todos os gerentes da empresa estão reunidos. Dois na sinuca, um no fliperama, outra dupla no mini-golf, enquanto o restante acompanha observando e pontuando os principais temas da reunião de trabalho. São 16h. Para algumas cabeças mais antigas, isso significaria desperdiçar tempo, falta de produtividade. Para os inovadores do setor de tecnologia, é uma das receitas para uma fórmula que dá muito resultado e permitiu ao setor ser o menos afetado pela crise financeira em todo o país, com crescimento na casa de dois dígitos mesmo na maior recessão já enfrentada pelo Brasil. As mudanças de relacionamento profissional já estão transformando muito do conceito tradicional de trabalho como o conhecíamos. E, se prepare, as transformações vieram pra ficar.

A reunião acima ocorre em uma empresa que acaba de inaugurar o novo escritório, um espaço com

dois andares, de 3 mil metros quadrados. Antigamente, uma área com essa proporção conseguiria abrigar até uma indústria de pequeno porte. Aqui, é um espaço com jogos, cafeteria e até três cantinhos especialmente preparados para quem precisar tirar uma soneca durante o expediente.

— Esses 3 mil metros quadrados que temos aqui poderiam ser, antes, um espaço para 600 pessoas em cubículos. Hoje, é um espaço para 200 pessoas. O andar em cima, de 1 mil metros quadrados, é apenas para os funcionários interagirem, sem nenhuma estação tradicional de trabalho — explica Daniel Girardi Dias, vice-presidente de operações para a América Latina da empresa, uma multinacional de hospedagem, que tem uma de suas sedes no Brasil e decidiu trocar o Rio de Janeiro por Florianópolis. A Capital de Santa Catarina conquistou, sim, destaque

como principal referência para a área no Brasil. Mas o avanço já se espalhou de tal forma que a cultura da inovação está presente em todo o território catarinense. Joinville, a maior cidade do Estado, é outro ótimo exemplo.

— Tem uma coisa que, às vezes, parece mais propaganda que valor de verdade. Falo dessa história de ter o videogame, essas coisas... Queremos que as pessoas estejam com a gente não pelo joguinho, mas porque têm muita vontade, gostam de desafios. Tudo isso é para que o funcionário não vá embora estressado, tenha um bom ambiente e se sinta bem no negócio — conta Piero Contezini, CEO e cofundador de uma startup em Joinville que ajuda milhares de empreendedores individuais a vender e receber, ao facilitar os pagamentos com boletos online e outros serviços.

Piero tem 34 anos e já abriu seis



Parece lazer, mas a foto registra uma reunião em uma multinacional em Florianópolis

CIDADES CATARINENSES ENTRE AS 20 BRASILEIRAS COM MAIOR CONCENTRAÇÃO DE STARTUPS

- 1º Florianópolis
- 2º Chapecó
- 3º Joinville
- 5º Tubarão
- 6º Blumenau
- 8º Balneário Camboriú
- 11º Criciúma

Fonte: Pesquisa ABStartups e Accenture

NÚMEROS DO ECOSISTEMA DE SANTA CATARINA

- Faturamento das empresas de tecnologia passou de R\$ 28 mil anuais* (1986) a R\$ 6 bilhões por ano (2016)
- Há 1,2 mil empresas de tecnologia e inovação em SC
- SC concentra 20% das 4,2 mil startups cadastradas na Associação Brasileira de Startups (ABStartups)

*valores convertidos

startups, quatro ainda são dele e outras duas, o empreendedor já vendeu.

Em outubro deste ano, um levantamento realizado pela Associação Brasileira de Startups mostrou que Santa Catarina concentra cinco das quatro cidades com a maior concentração dessas empresas nascentes do setor (veja quadro acima), que tem grande potencial de crescimento. Florianópolis, Chapecó e Joinville lideram a lista, enquanto Tubarão completa o ranking no quinto lugar. Uma de cada região do Estado. De fora do território catarinense, nesse top 5 nacional, está apenas a cidade de Uberlândia, em Minas Gerais.

— A partir do momento que você está convivendo e vê que alguém do seu lado deu certo, você fica com esse sentimento de 'eu também posso'. Cada dia essa roda está girando mais rápido. É o poder do exemplo

local. Apenas nos último cinco anos, praticamente dobrou o número de empresas. E cada vez ela girará mais rápido e mais forte — aposta o presidente da Associação Catarinense das Empresas de Tecnologia (Acate), Daniel Leipnitz.

O Estado como um todo concentra 20% das 4,2 mil startups brasileiras. Ganha em números proporcionais pela população e perde apenas para São Paulo em termos absolutos. Por enquanto.

Somando também as empresas maiores do setor de tecnologia, os investidores privados e públicos, as universidades e as pessoas empreendedoras que nasceram ou escolheram morar aqui, tudo isso configura o que os especialistas chamam de "ecossistema de inovação", um conjunto de fatores que influencia de forma positiva todos os atores do cenário e acelera seu desenvolvimento.

“

QUANDO VOCÊ ESTÁ CONVIVENDO E VÊ QUE ALGUÉM DO TEU LADO DEU CERTO, VOCÊ FICA COM ESSE SENTIMENTO DE 'EU TAMBÉM POSSO'.

DANIEL LEIPNITZ
presidente da Acate

● A PRIMEIRA INCUBADORA

— Tudo começa de forma formal em 1986. Já havia algumas empresas de tecnologia surgindo, na garagem das casas mesmo. Mas aí criamos a IET, Incubadora Empresarial Tecnológica — conta o professor Carlos Alberto Schneider, presidente de honra da Fundação Certi.

Foi esse instituto que começou o processo que, em uma linguagem mais popular, pode ser resumido como o desejo de criar empregos em “informática”. Era o início de uma trajetória que começou com as primeiras seis empresas incubadas de Santa Catarina, em uma época em que o termo startup ainda não existia. Fernando, João Marcos e Frederico estavam perto da casa dos 30 anos no final da década de 80. Eles já “brincavam” com algumas montagens caseiras de placas de circuito. Mas a questão não ficava só na garagem:

— A gente trabalhava na Eletrosul. Tentamos pedir que os controladores de tensão já viessem prontos de fábrica nas nossas configurações, mas aí queriam cobrar bem mais por isso. Então nós mesmos fazíamos as adaptações. E caiu a ficha. Podíamos fabricar e vender para as empresas de energia — conta Fernando Pons, um dos fundadores e diretor de engenharia da Reivax, que completou 30 anos em 2017.

A empresa fabrica hardware que garante a energia dentro dos padrões nacionais. Na prática, é o mecanismo que faz com que a tomada da sua casa tenha 110 volts ou 220 volts, conforme a região.

Não existia nenhum fabricante nacional, então o trio resolveu ser o primeiro. Como era um passo no escuro, resolveram diluir o risco. Dois continuaram no emprego enquanto o João Marcos Castro Soares embarcava na aventura de criar uma empresa do zero dentro da primeira incubadora catarinense.

— A gente rachava nosso salário

para cada um — conta Fernando, sobre aqueles primeiros anos.

— A experiência de incubação foi muito boa para o país — conta Nelson Zeni, atual presidente da empresa e a pessoa que ajudou os empreendedores a fazerem a sua primeira venda. Nelson ainda nem estava na empresa. Foi mesmo um apoio aos ex-colegas de sala da UFSC.

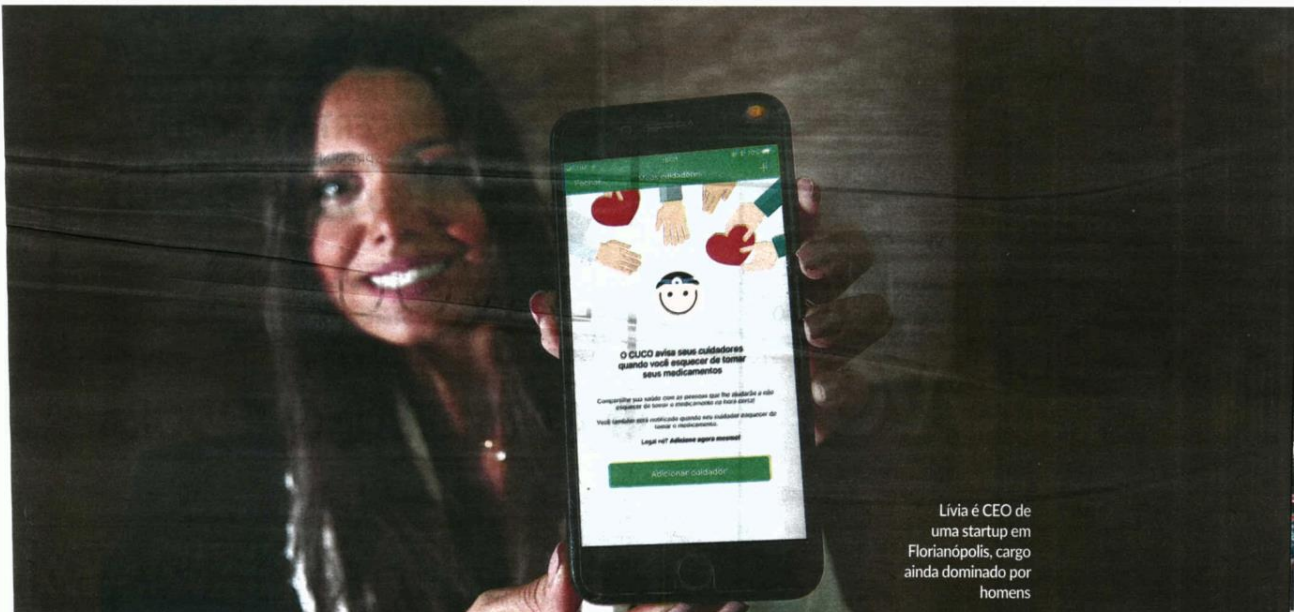
De seis pessoas lá no início, os fundadores, dois colegas de faculdade que se unem ao projeto e um funcionário (o Igor, que ainda está na empresa), hoje são 150 pessoas, com exportações para mais de 30 países, entre eles os EUA e o fornecimento de equipamentos para as forças armadas americanas, que controlam a produção hidrelétrica no país por uma questão de segurança.

Tudo isso em apenas um prédio. Coincidência ou não, a incubadora IET surgiu ali, a própria Acate teve sua sede antiga no local e, agora, o edifício abriga também uma multinacional de tecnologia. Tudo a partir do endereço no Bairro Trindade, em Florianópolis, em uma evolução que agora se espalha por dezenas de municípios, novos endereços da inovação em todo o Estado.

Para compreender o boom de ideias inovadoras que Santa Catarina abriga, basta olhar um dos programas que mais ajuda no surgimento de startups. A Fundação Certi desenvolve, em parceria com o governo do Estado, o projeto Sinapse da Inovação. Todos os anos, são selecionadas 100 propostas de inovação para serem transformadas em empresas, novas startups. Apenas neste ano, foram 1791 projetos inscritos por mais de 4 mil participantes. As ideias vieram de todos os cantos do Estado, com 300 selecionadas para a segunda fase do programa provenientes de 46 municípios diferentes. Isso em apenas uma iniciativa das várias que existem em Santa Catarina.

A roda continua a girar.

SEGUIE ●



Livia é CEO de uma startup em Florianópolis, cargo ainda dominado por homens

● UMA ILHA DE CONEXÕES

Florianópolis reúne a maior concentração de pessoas que trabalham com tecnologia no país. Elas se encontram em supermercados, festas, bares ou até para levar a roupa na lavanderia. No meio, costuma se dizer que perde apenas para o Vale do Silício em concentração de gente que atua com inovação. E essa não é uma comparação a se menosprezar.

— Hoje Florianópolis é uma das cidades que tem mais densidade de pessoas que trabalham com tecnologia na cidade. De cada 1 mil pessoas, 100 trabalham no setor — conta Alexandre Souza, coordenador do programa Startup SC, do Sebrae.

Uma startup pode acelerar a economia de um município. Mas seus efeitos podem ser em uma escala muito maior. Livia, Patrícia, Gustavo, Peralta, Eduardo e Ilê ajudam todos os dias 40 mil pessoas de todo o Brasil e até de outros países com os problemas de saúde delas. Eles desenvolveram e trabalham com um aplicativo que lembra os pacientes de tomarem as medicações prescritas pelo médico para o tratamento. Se não tomar, três contatos próximos recebem um alerta para cobrar que a pessoa lembre do remédio. Livia Cunha é cofundadora da empresa que desenvolveu o app Cuco. E essa é justamente uma das caras novas que o setor de tecnologia começa a ter: a maior participação das mulheres.

— Hoje também estamos lá na Cubo, em São Paulo. De cinquenta empresas, são apenas três fundadoras. Mas isso está mudando. No início da empresa, eu ia em eventos e só tinha eu de mulher. Agora eu já falo em

encontros como uma forma de incentivar que surjam outras startups fundadas por mulheres — conta.

Tecnologia já é uma das principais fatias da economia em Florianópolis, ultrapassando o turismo. E os belos cenários da Ilha acabaram por se tornar um atrativo para o ecossistema de empresas de tecnologia que se formou na cidade. A Ilha é reconhecida como o principal centro de tecnologia, o local que fervilha e tem se desenvolvido mais rápido. Mas o diferencial de Florianópolis é outro:

— Santa Catarina furou a fila. Ultrapassou o Rio Grande do Sul, Pernambuco e até São Paulo. E as pessoas querem estar no centro de onde as coisas estão acontecendo. O que em outros lugares seria tratado como segredo, aqui os empreendedores compartilham de graça. E isso ajuda muito as empresas daqui a solucionarem mais rápido os seus problemas. — reforça Daniel Girardi Dias, que só discutiu a sua contratação com o head hunter que o procurou após saber que se tratava de um emprego em Florianópolis.

A evolução aparece nos números. Não foi apenas nos últimos anos que Santa Catarina se movimentou para ser o principal polo de tecnologia do país. Nos 31 anos de existência do setor no Estado, foram várias as iniciativas para chegar a essa realidade consolidada.

— De umas poucas empresas, lá no início, com um faturamento de R\$ 28 mil anuais (em números atualizados), passamos a mais de 1,2 mil empresas que faturam somadas mais de R\$ 6 bilhões — explica o presidente da Acate, Daniel Leipnitz.

ESTILO TECH

Algumas características essenciais definem a formação de um ecossistema de tecnologia. Confira:

COLABORAÇÃO

Empreendedores que já passaram algumas etapas compartilham com os iniciantes como venceram os desafios.

"A gente só tem problema em startups. É só desafios. Mas ali a gente encontra gente que já venceu esses momentos"

LÍVIA CUNHA, CEO de uma startup

NETWORKING E EVENTOS

A oportunidade de conhecer casos de sucesso do universo da tecnologia inspira o surgimento de novos empreendedores.

"Apenas nesse ano, 14 cidades receberam o Startup Week"

ALEXANDRE SOUZA, do programa Startup SC

MÃO DE OBRA QUALIFICADA E CAPACITAÇÃO

Universidades, cursos técnicos, profissionais que já trabalharam em startups e empreendedores com "sangue no olho" compõem a rede do ecossistema.

"Um ecossistema é todo calcado nas pessoas"

ALEXANDRE LEIPNITZ, presidente da Acate

CICLOS COMPLETOS

Ter empresas de tecnologia em vários estágios de desenvolvimento, das consolidadas às mais iniciantes, e que consumem seus produtos entre si, como uma forma de testar as inovações e também fomentar o grupo local.

"Hoje existe um pacote completo de mecanismos de empreendedorismo inovador"

CARLOS SCHNEIDER, presidente do conselho da Fundação Certi

INVESTIMENTOS

Existência de oportunidades em financiamentos públicos, como a Finep e o próprio Sinapse da Inovação, e privados, como os investidores-anjo, muitas vezes empreendedores que deram certo e agora apostam em novo talentos.

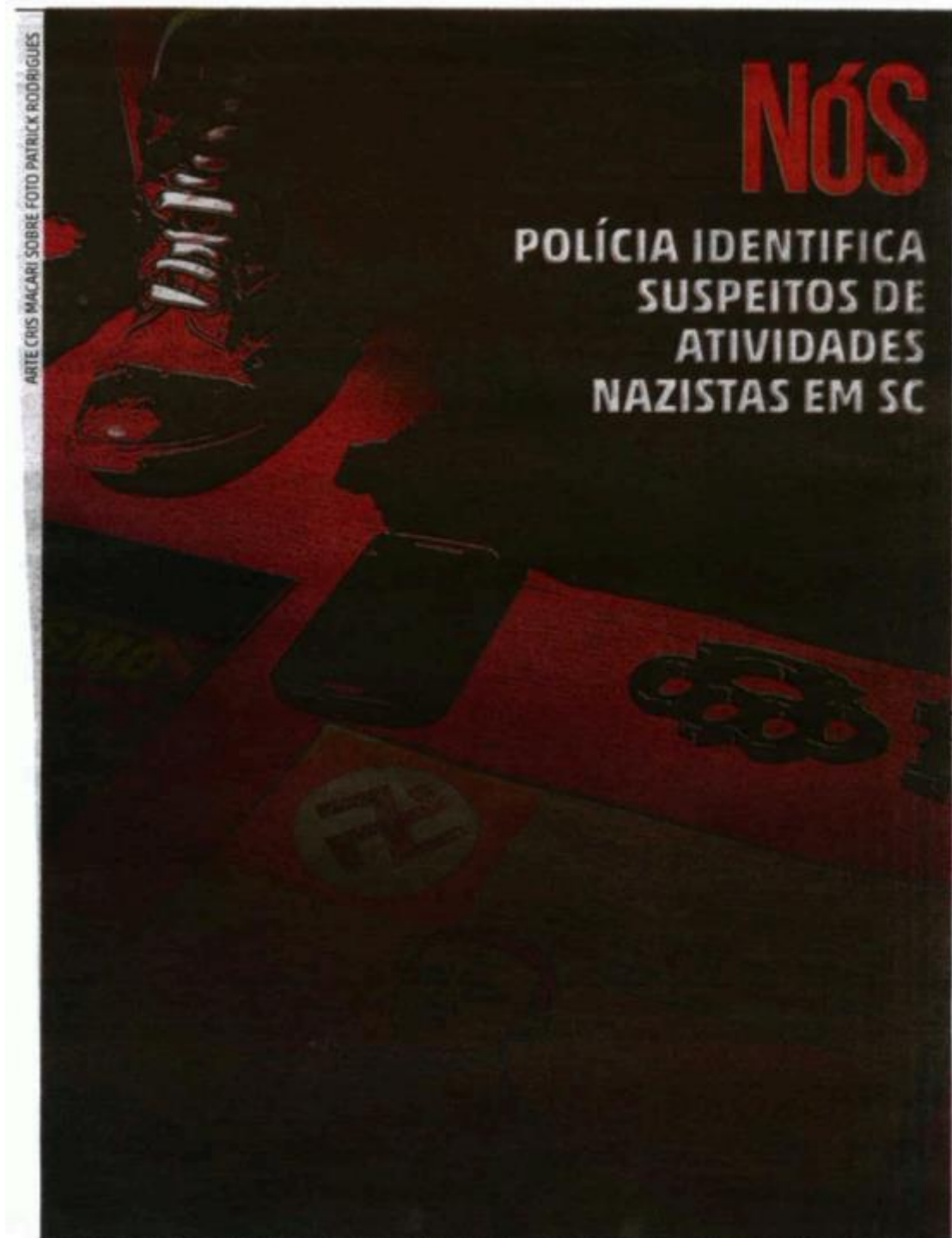
"Tem que ser um empreendedor, ser aquela pessoa que coloca as coisas em risco em busca do que deseja"

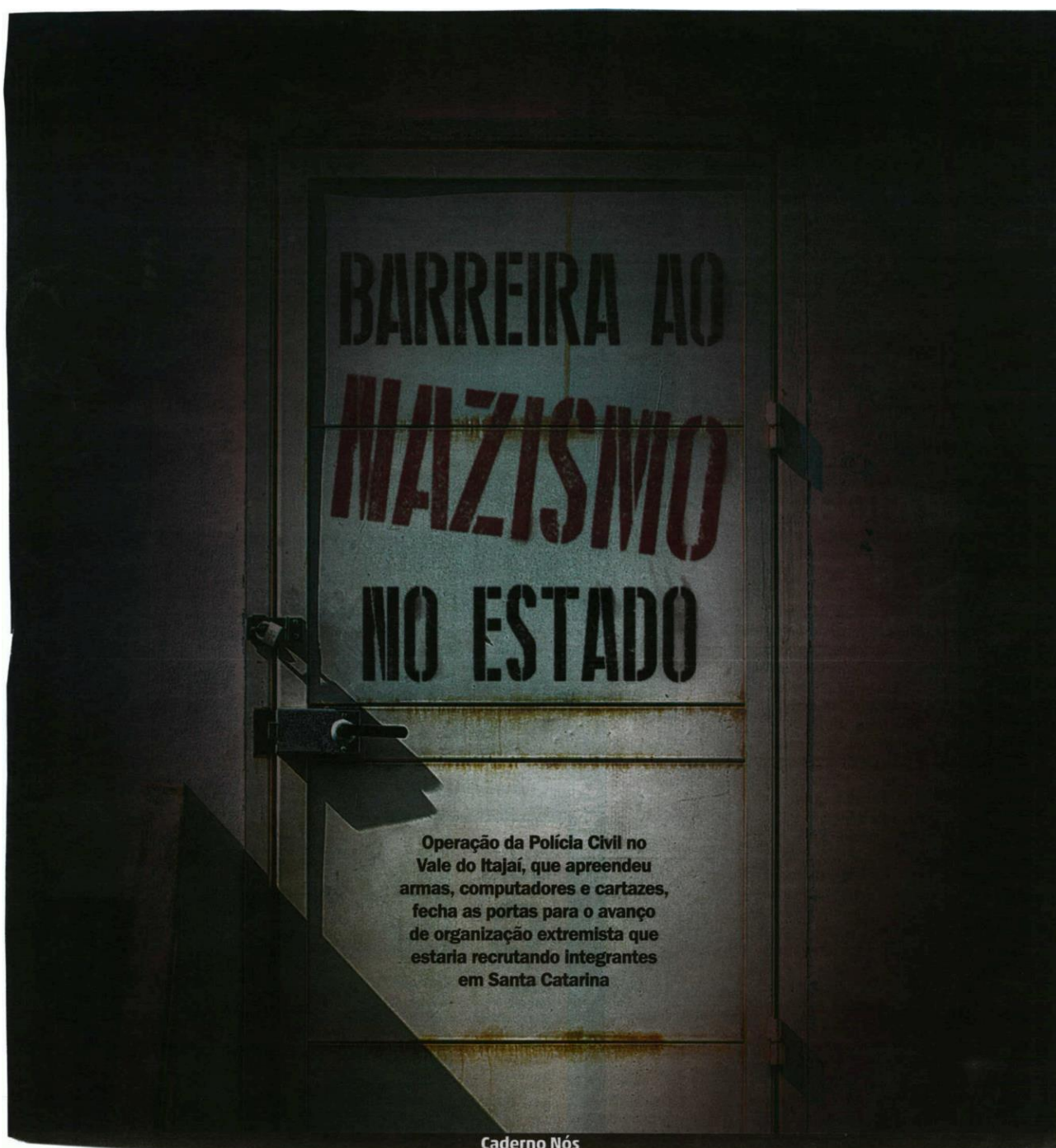
NELSON ZENI, presidente da Reivax

Diário Catarinense e A Notícia
Caderno Nós
"Ação para barrar a intolerância"

Ação para barrar a intolerância / Neonazismo / Cartazes / Blumenau /
Operação Hateless / Racismo / Professor / História Contemporânea / UFSC /
Universidade Federal de Santa Catarina / Márcio Voigt

A Notícia – Contracapa





Operação da Polícia Civil no Vale do Itajaí, que apreendeu armas, computadores e cartazes, fecha as portas para o avanço de organização extremista que estaria recrutando integrantes em Santa Catarina

SÁBADO E DOMINGO, 9 E 10 DE DEZEMBRO DE 2017 | #111



NÓS CERCO AO NAZISMO

OPERAÇÃO DA POLÍCIA CIVIL PARA CONTER AVANÇO DE GRUPO FASCISTA REVELA VIGOR DO DISCURSO EM SANTA CATARINA, CONSIDERADO UM DOS ESTADOS COM MAIS SIMPATIZANTES DA IDEOLOGIA NO BRASIL.

PÁGINAS 4 A 7

AÇÃO PARA BARRAR A INTOLERÂNCIA

INVESTIGAÇÃO DEFLAGRADA A PARTIR DE CARTAZES COM MENSAGENS DE ÓDIO ESPALHADOS EM BLUMENAU IDENTIFICA SUSPEITOS DE INTEGRAR MOVIMENTOS NAZISTAS QUE ESTARIAM INTENSIFICANDO ATUAÇÃO EM SANTA CATARINA

DAGMARA SPAUTZ E EMERSON GASPERIN
dagmara.spautz@somosnsc.com.br
emerson.gasperin@somosnsc.com.br

Na terça-feira, quatro homens e uma mulher foram levadas à 2ª Delegacia de Polícia Civil de Blumenau para prestar esclarecimentos sobre cartazes com inscrições nazistas que apareceram na cidade nos últimos meses. A suspeita é de que os cinco sejam ligados a uma organização maior, que estaria atraindo membros locais para intensificar a presença no Vale do Itajaí. Conforme o delegado Lucas Gomes de Almeida, o plano era recrutar seguidores de Hitler na região para se fortalecer e começar a atuar com mais vigor.

– É difícil se chegar à autoria. Mas se deixarmos essa situação impune, vai se propagando, vai crescendo, e daqui a pouco estarão batendo em pessoas nas ruas. Não podemos aceitar – afirma, sem se aprofundar em detalhes sobre os depoimentos “para não atrapalhar o andamento das investigações”.

Nesse caso, pelo menos, houve uma confissão: um jovem de 20 anos assumiu a responsabilidade pelos cartazes no Centro blumenauense. O outro rapaz da mesma idade guardava um revólver, uma pistola, uma espingarda, mira holográfica e munição em casa, em Itajaí, que declarou serem do avô. A única moça tem 18, vive em Indaial e namorava o líder de um grupo neonazista de São Paulo com histórico de atentado a bomba

contra homossexuais e agressões a moradores de rua, punks e negros. Trocas de mensagens entre o casal no celular dela indicam relação com os cartazes.

Os dois mais velhos já são conhecidos da Justiça – também por vínculos com o nazismo. Kaleb Frutuoso, 31 anos, e Fabiano Schmitz, 28, haviam sido presos em 2014, acusados de estarem por trás das colagens que celebravam o aniversário do Führer em postes em Itajaí. Eles seriam filiados a um grupo extremista chamado White Front (frente branca, em inglês) e foram denunciados pela promotora Cristina Balceiro da Mota. O processo continua correndo e está em fase final, aguardando decisão do juiz.

Alegações do Ministério Público do Estado (MPSC) apresentadas em julho passado descrevem as circunstâncias das prisões, as evidências encontradas com os réus – incluindo peças gráficas iguais às grudadas nos postes – e a tentativa da dupla de provar inocência. “Na audiência de instrução e julgamento, os denunciados trouxeram várias testemunhas para serem ouvidas, porém, nenhuma delas contribuiu para a absolvição, pelo contrário; em alguns momentos, ao serem questionadas, acabaram confirmando a conduta criminosa”, relata a promotora.

– Falaram que distribuíram os cartazes por brincadeira. Só que ninguém faz isso por algo em que não acredita – diz Cristina.

O advogado Evandro Maçaneiro, que representou Schmitz, disse que o material apreendi-

do não pertencia ao cliente. A defensora pública Carla Gerhardt, a serviço de Frutuoso, não foi localizada para comentar o caso. Desde então, ele cursou Educação Física, fez parte do conselho fiscal do movimento separatista O Sul é Meu País (do qual teria sido expulso) e sumiu das redes sociais. O comparsa se mudou para Blumenau, onde há dois anos trabalha como garçom em uma churrascaria.

O anonimato de ambos era interrompido apenas esporadicamente, por menções em reportagens a respeito do neonazismo no Brasil. Até seus nomes entrarem no raio de ação do delegado Almeida. De Frutuoso, que ostenta o distintivo da Division Wiking (divisão militar criada pela Alemanha na Segunda Guerra) tatuado na panturrilha direita, a polícia recolheu o computador, celular e revistas sobre o tema. De Schmitz, um CD com “ataque nazista” e uma camiseta com motivos afins. Os PCs, notebooks e celulares dos demais também ficaram sob a guarda legal. Com exceção do rapaz de 20 anos flagrado com armas em Itajaí, todos foram liberados após os depoimentos.

Os mandatos de busca e apreensão e de condução coercitiva dos cinco suspeitos são consequência da Operação Hateless (sem ódio, em inglês), deflagrada em setembro. Na manhã do dia 26 daquele mês, a pouco mais de uma semana do início da Oktoberfest, o advogado





**É DIFÍCIL SE CHEGAR
À AUTORIA. MAS SE
DEIXARMOS IMPUNE,
VAI SE PROPAGANDO
E DAQUI A POUCO
ESTARÃO BATENDO EM
PESSOAS NAS RUAS.
NÃO PODEMOS ACEITAR**

LUCAS GOMES DE ALMEIDA
Delegado da Polícia Civil em Blumenau

Marco Antônio André se deparou com cartazes colados em frente à casa onde mora, no bairro Ponta Aguda. A ameaça do membro da Ku Klux Klan (tradicional organização segregacionista dos Estados Unidos) desenhado nas folhas era direta: "Negro, comunista, antifa, macumbeiro. Estamos de olho em você."

– Saí pela redondeza procurando outros cartazes. Não achei nenhum, aí que percebi que o alvo era eu. A sensação foi de impotência, frustração, mas ao mesmo tempo um choque de realidade – conta.

Antifa é uma corruptela de antifascista. Macumbeiro, termo pejorativo para designar fiéis de religiões de origem africana. Além da cor da pele, André é praticante de umbanda e candomblé e milita no Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade Regional de Blumenau (Neab-Furb). E, "se hoje ser de esquerda é ser comunista", ele aceita a pecha sem problemas. No entanto, atribui os ataques que sofreu, principalmente, ao preconceito racial.

– Sou de classe média, me chamam de doutor. Na Oktoberfest, desfilo com meu traje típico de Fritz. Quando o negro ascende em uma profissão ou ocupa um espaço que socialmente não seria dele, incomoda. Não sou eu, é o que eu significo.

Por volta do meio-dia, o advogado publicou um desabafo nas redes sociais. À tarde, o post já estava com milhares de compartilhamentos e a mídia nacional corria atrás dele. Diante da repercussão, a subseção catarinense da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) emitiu nota de repúdio, na qual alertava que ignorar grupos intolerantes e tratar o assunto como fato isolado poderia ser visto como

descaso ou consentimento. A secretaria estadual de Segurança entrou no circuito, determinando rigor na apuração e identificação dos culpados.

– A gente foi coletando elementos: locais, testemunhas, rastreamento na internet. Hoje o ambiente virtual é o grande reduto dos crimes de ódio, porque a pessoa acha que vai sair impune, que não tem regulamentação, que basta montar um perfil fake que nunca será descoberta – explica o delegado Lucas de Almeida.

Em 24 de outubro, novos cartazes brotaram no Centro da cidade. Diferentemente dos anteriores, eram assinados – com endereço de site e de blog – pelo grupo paramilitar ucraniano que em 2016 fora investigado no Rio Grande do Sul por pregar "pureza de raça" e "oxigenação social". As suásticas e cruzes celtas retratadas deixavam explícito o ódio, embora seja confuso entender exatamente de quê. Em um deles, por exemplo, havia sinais de proibido com a Estrela de Davi dos judeus, o símbolo da maçonaria, a bandeira do Brasil, a foice e o martelo comunistas e, talvez representado o capital, um cifrão.

O delegado não descarta a hipótese, ainda, de os autores serem ligados aos radicais que atacaram músicos de uma banda punk em São Bento do Sul, no ano passado. Ou que sejam os mesmos que ofenderam André. Segundo Almeida, eles vêem as ignomínias que cometem não como crime, mas como um direito assegurado pela liberdade de expressão. Não é o que prevê a legislação. Os envolvidos podem ser indiciados por racismo, apologia ao nazismo e associação criminosa, com penas de até 10 anos de cadeia.



REPORTAGEM DE MARCO ANTONIO GROS

No Tribunal de Justiça (TJSC), a jurisprudência de crime de racismo relacionado a ideias nazistas que chegou à segunda instância limitou-se a um único caso. O réu era Volnei Della Giustina, professor em Lages, apontado como criador de um site com conteúdo antisemita e “orientações sobre uma guerra racial”, de acordo com o processo. Descoberto por meio de uma investigação da Polícia Civil de São Paulo, ele foi denunciado pelo MPSC e condenado a dois anos de prisão em regime aberto. Em 2007, teve um recurso negado pelo TJSC.

Apesar do número ínfimo de ocorrências que vão a julgamento, Santa Catarina seria o Estado com mais simpatizantes do nazismo no Brasil: 45 mil, quase um terço do total verificado no país inteiro. É o que aponta um mapeamento feito em 2009 pela antropóloga Adriana Dias, pesquisadora da Universidade de Campinas (Unicamp) e uma das maiores especialistas brasileiras na questão. O levantamento levou em conta páginas com conteúdo nazista na internet. De lá para cá, a estimativa é de que tenham pulado de 20 mil para quase 35 mil, um crescimento de 75%.

Um recuo no tempo mostra que o eufemismo “supremacista” nem existia para rotular os adeptos da saudação “sieg heil” (“salve a vitória”, em alemão, muito popular durante o 3º Reich) e a doutrina de Hitler já prosperava por aqui. Em 1928, cinco anos antes do ditador genocida tomar o poder, a primeira célula do partido nazista no Brasil foi fundada em Timbó. A unidade na cidade do Vale do Itajaí não foi apenas pioneira no país, mas também do movimento fora da Alemanha. Com 528 filiados, o diretório estadual só era inferior ao paulista (785), superando o carioca (447), gaúcho (439), paranaense (185) e mineiro (66).

Poderia ser mais, não fosse o governo local. No livro *Nazismo Tropical*, que esmiúça a trajetória do partido no Brasil, a historiadora Ana Maria Dietrich escreve que, enquanto os interventores do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha, e do Paraná, Manuel Ribas, apoiaram a difusão do germanismo sem se importar com eventuais excessos, os mandatários catarinenses Aristiliano Ramos (1933-1935) e o primo Nereu Ramos (1935-1945) se opuseram com veemência – o segundo encampou uma série de nacionalizações em escolas e associações alemãs.

O braço político-partidário do nazismo caiu na clandestinidade em 1939, pelo presidente (e ex-simpatizante) Getúlio Vargas, não sem deixar sementes no Vale do Itajaí. O fruto mais famoso germinou em 2014, quando a foto de uma piscina com uma suástica ao fundo ganhou o noticiário. A obra fica na zona rural de Pomerode, município vizinho de Timbó, e é criação de Wandercy Antonio Pugliese. O professor Wander, como é conhecido pelos alunos para os quais ensina História, nunca foi incomodado pela Justiça por isso. O titular da delegacia da cidade na ocasião, Luiz Carlos Gros, não viu nada de ilegal, nem o MP o denunciou.

Na direção oposta, a Operação Hateless se dobra para não pecar pela omissão quanto ao combate ao nazismo. O delegado Almeida lembra que, no começo das diligências, muita gente – dentro da própria polícia, ressalta – menosprezou o teor dos cartazes que mancharam a paisagem e a reputação de Blumenau. O pai de um dos investigados teve a pachorra de ir à delegacia se queixar de terem pegado o notebook do filho, “em vez de prender os corruptos de Brasília”.

Vítima das mensagens, o advogado Marco Antônio André acompanha os desdobramentos na expectativa de que, comprovado o crime, os culpados sejam punidos. Paulistano, 40 anos, há 11 veios morar na cidade da mulher com quem acabou casando, uma gaúcha (branca) que conheceu pela internet. A intimidação impressa e pendurada na frente da sua casa engrossaram a lista de discriminações que



O advogado Marco Antônio André foi vítima de ataques racistas em Blumenau

encarou como blumenauense honorário – como o juiz que, em pleno tribunal, perguntou se ele era irmão do réu. Mesmo assim, evita generalizações sobre o caráter da população local.

– Blumenau não é mais nem menos racista do que qualquer outra cidade. Minha única mágoa é com a prefeitura, que não soltou nenhuma nota em solidariedade ao que aconteceu comigo.

Manifestações nazistas – relevadas ou não como besteira, coisa de moleque – não são novidade para a historiadora Marlene de Fáveri, que leciona na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Três anos atrás, ela se scandalizou com cartazes com a suástica em murais na academia. Pois os responsáveis jamais foram encontrados.

– Essa juventude que se agrega a esses grupos violentos não tem perspectiva. Falta estudo, leitura sobre História – diz.

Para a professora, a tendência de parcela dos catarinenses a ter uma visão de mundo mais conservadora, aliada à ligação que muitos dos colonizadores tiveram com o nazismo, faz com que essas ideias reverberem novamente. Em muitos casos, observa, a pessoa que alimenta pensamentos alinhados com o ideário hitlerista não se reconhece como tal. É o defensor de posições escoradas na repulsa ao diferente, na incapacidade de dialogar com opiniões contrárias e na exclusão que quer partir para briga ao ser tachado de nazista.

Marlene alerta para o risco proveniente do enfraquecimento de conteúdos humanistas das grades curriculares, preconizado na reforma do Ensino Médio. Minimizar conteúdos de História,

Filosofia, Sociologia e artes em geral, diz, é negar aos jovens o debate e a reflexão. Em parte, ideias mal compreendidas sobre os regimes autoritários seriam resultado do período de ditadura militar, quando o ensino de História perdeu espaço para a Educação Moral e Cívica, que perdurou por quase duas décadas.

– Retirar esse direito é retirar possibilidade de que esses jovens tenham a formação de análise, de constatar que determinados movimentos históricos promoveram a ignorância. O neonazismo é a absoluta intolerância, o preconceito exacerbado, a exclusão, dentro disso tudo o racismo, a homofobia, a misoginia, a transfobia, o sexismo. Essas violências estão expostas, e em um momento político no qual existem parlamentares que as acentuam, isso também é um fator que leva a naturalizá-las.

Professor de História Contemporânea na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Márcio Voigt chama a atenção para o impacto do que ele define como “crise de valores” nas relações interpessoais: o ódio aos imigrantes, os ressentimentos ancestrais, as soluções baseadas na força. Ele associa essas características, verificadas em todo o mundo, com a turbulência atual no país.

– O Brasil tem uma tradição autoritária que causa muitos problemas. As pessoas não reconhecem essa ligação (da postura) com regimes extremistas, acham que não é bem por aí, que é exagero. Em parte, isso está ligado a uma falta de memória que sempre foi muito presente entre nós.

Ou seja, é melhor já ir se acostumando.

O BRASIL TEM UMA TRADIÇÃO AUTORITÁRIA QUE CAUSA PROBLEMAS. AS PESSOAS NÃO RECONHECEM A LIGAÇÃO (DA POSTURA) COM REGIMES EXTREMISTAS. EM PARTE, ISSO ESTÁ LIGADO A UMA FALTA DE MEMÓRIA.

MARCIO VOIGT
Professor de História da UFSC

Notícias do Dia Estado

“Concurso atrai 51 mil candidatas”

Concurso atrai 51 mil candidatas / Universidade Federal de Santa Catarina / Polícia Civil / Vestibular / Medicina / Concorrência



Concurso atrai 51 mil candidatas

Disputa por vaga na Polícia Civil de SC é uma das mais concorridas do país

COLOMBO DE SOUZA
colombo@noticiasodia.com.br

No ritmo lento da economia, da crise financeira e desemprego, a estabilidade da carreira pública passou a ser um atrativo para quem pretende entrar no mercado de trabalho. Cada vez mais, jovens se debruçam em livros, fazem cursinho e se preparam para concursos públicos. Com o terceiro melhor salário do País, o concurso da Polícia Civil de Santa Catarina atraiu milha-

res de pessoas do Brasil inteiro. As provas objetivas aconteceram nos dias 16 (para escrivão) e 17 de dezembro (para agentes). Segundo o diretor da Academia (Academia da Polícia Civil), Akira Sato, 51.247 candidatos disputam 394 vagas, numa proporção de 137 candidatos por vaga. O concurso é tão concorrido quanto o vestibular de medicina da Universidade Federal de Santa Catarina, cujas provas acontecem neste fim de semana. A proporção na medicina é

de 215,40 candidatos por vaga. A diferença entre os dois concursos é que os candidatos à segurança pública fazem o curso de formação durante cinco meses e já estão aptos para trabalhar, com salário inicial de R\$ 4.520 para agentes e R\$ 6.256 para escrivão, por 40 horas semanais. No caso do vestibular para medicina, os alunos estudam cinco anos na faculdade e fazer mais dois anos de residência médica para se encaixar no mercado de trabalho.

No opinião do diretor da Accedepol, além de o Estado oferecer um bom salário a qualidade de vida é excelente. Neste contexto, o engenheiro de materiais Carlos Eduardo Secco Cardoso, 30, está tentando a carreira policial. “Sempre me identifiquei na área de segurança pública. Mas como tenho afinidades demais com exatas fui para área de engenharia. No entanto, a crise fechou as portas da engenharia, mas abriu a da polícia”, resume.

O engenheiro de materiais Carlos Eduardo Cardoso vai tentar a carreira policial

Diário Catarinense e A Notícia Guia do Clube do Assinante “Gata borralheira contemporânea”

Gata borralheira contemporânea / Cinderella, o Musical / UFSC / Centro de Cultura e Eventos / Bianca Tadini



SÁBADO E DOMINGO, 9 E 10 DE DEZEMBRO DE 2017 | 8 e 9

GATA BORRALHEIRA CONTEMPORÂNEA

VENCEDOR DO PRÊMIO Bibi Ferreira de teatro, *Cinderella, O Musical* estreia na Capital com 40% de desconto para sócios do Clube do Assinante

A PARTIR DE R\$ 80
POR R\$ 48

AGENDE-SE
CINDERELLA, O MUSICAL
SÁBADO, ÀS 14H E ÀS 20H (SESSÃO EXTRA)
Quanto: a partir de R\$ 80 (inteira). Sócios do Clube do Assinante e acompanhantes têm **40% DE DESCONTO** na compra do ingresso antecipado no site Blueticket.
Onde: Centro de Cultura e Eventos da UFSC (Campus Reitor João David Ferreira Lima, s/n, Trindade Florianópolis.)

E A

LUCIANA PEREIRA
luciana.pereira@somosnsc.com.br

Se no conto de fadas da Disney a frágil e apaixonada protagonista está permanentemente à espera do príncipe encantado, em *Cinderella, O Musical*, dirigido por Charles Möeller e Claudio Botelho, ela chega empoderada. Tanto que confronta o her-

deiro do seu reino sobre as mazelas e misérias do povo. Apesar do amor que nasce entre eles, o texto, baseado na adaptação da obra francesa de Charles Perrault, aborda assuntos intensos e relevantes.

– O texto é emocionante e esta é uma cinderela muito forte. Ela vai atrás do que quer e não fica apenas a volta do príncipe (Bruno Narchi) – conta Bianca Tadini, intérprete da

heroína no espetáculo assistido por mais de 120 mil pessoas e vencedor do prêmio Bibi Ferreira na categoria Melhor Cenografia. Atriz, cantora e dubladora formada pela *American Musical and Dramatic Academic*, Bianca coleciona musicais em seu currículo, entre eles, a versão nacional de *O Mágico de Oz*. É a primeira vez que a atriz trabalha com Möeller e Botelho, dois expoentes

deste gênero teatral no Brasil.

– Como os dois são muito experientes, conhecem bem os contextos e roteiros e têm olhar crítico sobre a obra, o espetáculo traz muita magia, sem obviedades – encerra.

Com duas horas de duração, a peça tem inúmeros cenários, 27 integrantes no elenco – que inclui a atriz Totia Meirelles no papel da Madrasta – e dez trocas de figurino.

ESPECTÁCULO

Notícias do Dia Cidade "Vestibular começa neste sábado"

Vestibular começa neste sábado / Coperve / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

UFSC

Vestibular começa neste sábado

O Vestibular da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) começa neste sábado e segue domingo e segunda-feira em 23 cidades catarinenses, com provas sempre das 14h às 18h e os portões de acesso estarão abertos das 13h às 13h45. São 4.551 vagas (correspondendo a 70% do total de vagas ofertadas pela instituição no Vestibular 2018, sendo que 30% do total de vagas são para ingresso via Sisu [Sistema de Seleção Unificada]) em 101 opções de cursos distribuídos nos cinco campi da instituição: Araranguá, Blumenau, Curitibaanos, Florianópolis e Joinville.

Este ano foram registradas 31.301 inscrições. Medicina ainda é o curso mais concorrido, com 7.962 inscritos, resultando na relação geral de 227,49 candidatos por vaga. Os outros nove cursos mais procurados são: direito – diurno (45,16); psicologia – bel/lic – diurno (37,94); direito – noturno (34,03); cinema – bel – diurno (32,20); arquitetura e urbanismo (31,79); nutrição (29,19); odontologia (26,34); engenharia química – diurno (26,18); e educação física – bel diurno (24,38).

Os gabaritos preliminares serão divulgados a partir das 20h do dia 11 de dezembro, no site www.vestibular2018.ufsc.br.

Fique atento

Calendários e alertas da Coperve

AS PROVAS

Sábado

- Língua portuguesa e literatura brasileira ou libras
- Segunda língua: alemão, espanhol, francês, inglês, italiano, libras ou língua portuguesa e literatura brasileira
- Matemática
- Biologia

Domingo

- Ciências humanas e sociais (filosofia, geografia, história, sociologia)
- Física
- Química

Segunda-feira

- Redação
- Quatro questões discursivas

Conferir com antecedência o local de prova (cidade, endereço e grupo)

Chegar com antecedência aos locais de prova (os portões fecham às 13h45 nos três dias)

Portar: Original da identidade informado na inscrição; confirmação de inscrição definitiva; caneta esferográfica de tinta preta (preferencialmente) ou azul, fabricada em material transparente

Eletrônicos devem ficar desligados

Durante as provas não poderá ocorrer: comunicação de qualquer tipo entre candidatos, porte/uso de material didático-pedagógico, de telefone celular, relógio (qualquer tipo), controle remoto, armas, boné, óculos escuros, calculadora, tablet, pen drive, mp-player, iPod, iPad ou qualquer tipo de aparelho eletrônico.

Diário Catarinense e A Notícia Educação

“UFSC entre as mais questionadas do país”

UFSC entre as mais questionadas do país / CGU / Controladoria-Geral da União / Universidade Federal de Santa Catarina / Recomendações / Polícia Federal / Fundações de Amparo à Pesquisa e Extensão Universitária / Fapeu / Operação Ouvidos Moucos / Ensino a Distância / Licitação / TCU / Tribunal de Contas da União / Orlando Vieira de Castro Júnior / Superintendente Regional / Operação Torre de Marfim / José Carlos Zanini

EDUCAÇÃO

UFSC entre as mais questionadas do país

INSTITUIÇÃO DE SC é a segunda universidade brasileira com mais pedidos de ajustes pelo CGU

ANDERSON SILVA E PEDRO ROCKENBACH
anderson.silva@somosnsc.com.br
pedro.rockenbach@somosnsc.com.br

A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) é a segunda colocada no ranking entre as instituições de ensino mantidas pelo governo federal em número de recomendações da Controladoria Geral da União (CGU). Perde apenas para UFS, de Sergipe, em dados entre 2009 e 2017. Foram 489 sugestões de alterações em diferentes procedimentos internos como licitações e questões administrativas para a reitoria catarinense e 611 para a sergipana. Até sexta-feira, 121 das sugestões feitas pelo órgão à instituição catarinense continuavam em aberto e sem resposta. Em 90 delas, o prazo expirou.

Grande parte, 35%, é referente às fundações de pesquisa e extensão, alvos de duas recentes operações da Polícia Federal na universidade. A primeira delas, Ouvidos Moucos, em setembro, focou nos repasses de recursos da União para cursos de ensino a distância. A segunda, que cumpriu 14 mandados de busca e apreensão e seis de condução coercitiva na última quinta-feira, investiga licitações feitas com recursos públicos em que servidores e empresários são

suspeitos de fraudar os processos de contratação.

Pelos dados da CGU obtidos através da Lei de Acesso à Informação, é possível constatar que a falta de cumprimento aos pedidos do órgão controlador perpassa por diferentes gestões. Em 2009, por exemplo, a controladoria cobrou da instituição que a relação com as fundações fosse melhor estabelecida através de “mecanismos efetivos de controle”. A UFSC respondeu à recomendação apenas em novembro de 2016, oito anos após o primeiro pedido.

O acompanhamento da CGU ao trabalho na universidade é feito através de auditorias feitas por amostragens. Ou seja, nem todos os procedimentos ou processos internos são analisados. Além disso, somente em casos extremos a controladoria envia as recomendações e falta de execução para o Tribunal de Contas da União.

Orlando Vieira de Castro Júnior, superintendente do CGU em SC, explica que o órgão tenta inicialmente o diálogo com a universidade para que ela coloque em prática as sugestões. Na visão dele, somente com melhoria na gestão a universidade conseguirá conter os problemas internos que motivam as recomendações.

CONTRAPONTO

Com relação aos questionamentos a respeito das informações da CGU, a administração da UFSC informa que mantém acompanhamento constante do trabalho dos órgãos de controle por meio da auditoria interna, pró reitorias e secretarias e conselho de curadores.

A cada relatório, as recomendações apontadas são atendidas, justificadas ou explicadas. A depender do que é recomendado, há prazos mais largos ou mais restritos. A determinação sempre é a de atender nos devidos prazos e com base na legislação interna e externa à instituição.

Quanto ao número de recomendações, diz não é possível confirmar os dados sem saber o período em que ocorreram e a que tipo de situação se referem.

Empresa citada em mandado de busca diz que não foi notificada

A Tríplice Consultoria e Serviços e o seu sócio José Carlos Zanini, que tiveram mandados de busca e apreensão emitidos durante a Operação Torre de Marfim, na quinta-feira, emitiram nota na sexta-feira em que afirmam que “jamais haviam sido notificados ou intimados para prestar qualquer tipo de esclarecimento à Polícia Federal e ainda não tiveram acesso aos autos”.

Em relação ao contrato com a fundação de amparo à pesquisa (Fapeu), alegam “não há qualquer decisão do Tribunal de Contas da União (TCU)” nem condenação, reafirmam a regularidade e acrescentam que “o contrato objeto das suspeitas pelo TCU foi firmado mais de 20 anos depois do período em que o engenheiro José Carlos Zanini exerceu a presidência da Fapeu”. Garantem, ainda, inocência.

**Diário Catarinense e A Notícia
Educação**
"Provas do vestibular começam sábado"

Provas do vestibular começam sábado / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

EDUCAÇÃO

Provas do vestibular começam sábado

A partir deste sábado, cerca de 31,3 mil candidatos devem fazer o vestibular 2018 da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). As provas vão até segunda-feira em 23 cidades catarinenses. Os candidatos disputam 4.551 vagas em 101 opções de cursos distribuídos nos cinco campi da instituição. Neste ano, o vestibular passa por algumas alterações. A UFSC dará peso maior e aumentará a nota mínima exigida de disciplinas relacionadas ao curso escolhido. Além disso, as provas de História e Geografia serão substituídas por Ciências Humanas e Sociais.

O vestibular ocorrerá sempre das 14h às 18h, porém, os portões de acesso estarão abertos das 13h às 13h45min. O vestibular ocorre em Florianópolis, Araranguá, Blumenau, Brusque, Caçador, Balneário Camboriú, Canoinhas, Chapecó, Concórdia, Criciúma, Curitiba, Jaraguá do Sul, Joaçaba, Joinville, Lages, Rio do Sul, São Miguel do Oeste e Tubarão. Os candidatos que optaram por realizar as provas na Capital foram distribuídos nos municípios da região (Florianópolis, Biguaçu, Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz e São José). O campus no bairro Trindade é o local com maior número de candidatos. Todas as salas de aula serão utilizadas para o concurso.

Medicina ainda é o curso mais concorrido, com 7.962 inscritos, resultando na relação geral de 227,49 candidatos por vaga.

SERVIÇO

Informações sobre o vestibular da UFSC: em vestibular2018.ufsc.br ou pelo telefone (48) 3721-9200

Os candidatos poderão conferir gabaritos preliminares que serão divulgados a partir das 20h de segunda-feira, dia 11, no site do vestibular 2018.

Diário Catarinense e A Notícia
Moacir Pereira
"Rodovias: situação crítica em SC"

Rodovias: situação crítica em SC / UFSC / Infraestrutura / Transportes

Rodovias: situação crítica em SC

Um dramático relatório sobre a deterioração e as perspectivas sombrias dos investimentos federais em Santa Catarina vai ser apresentado na segunda-feira, a partir das 9h, quando a diretoria da Fiesc lançará a Agenda da Indústria para a Infraestrutura de Transportes. Para este evento foram convidados senadores, deputados federais e estaduais. Terá a presença de dirigentes do DNIT, do Programa de Parceria de Investimentos e de especialistas da UFSC.

A agenda será apresentada pelo presidente Glauco José Côrte e pelo vice Mário Cesar Aguiar, também presidente da Comissão de Transporte e Logística, a

mais atuante da Federação das Indústrias.

Somente em rodovias o Estado precisa investir até 2021 de R\$ 2,85 bilhões por ano em obras federais e estaduais. Aí estão incluídas as duplicações das BRs 280 e 470, além das melhorias na BR-282.

A constatação mais crítica e inquietante: todos os economistas nacionais que vieram proferir palestras em Florianópolis foram unânimes em destacar o momento positivo que o Estado vive. Mas enfrenta também terríveis desafios que, se não forem superados, comprometerão as novas gerações de forma irremediável. Os investimentos irão para outra regiões.

No setor produtivo, o maior problema é a falta de infraestrutura.

Diário Catarinense
"Nota de Esclarecimento"

Nota de Esclarecimento / Fapeu / Fepese / Feesc / UFSC / Controladoria-Geral da União / Tribunal de Contas da União / Ministério Público

NOTA DE ESCLARECIMENTO

Tendo em vista os fatos divulgados na imprensa, as fundações de apoio à UFSC vêm esclarecer que se subordinam ao cumprimento da legislação. Sempre estiveram à disposição dos órgãos de controle e nunca deixaram de atender aos pedidos de informações, diligências ou auditorias da Controladoria Geral da União, do Tribunal de Contas da União, do Ministério Público e das instituições financiadoras.

Seus dirigentes e funcionários encontram-se à disposição para colaborar com o esclarecimento de todos os fatos e apuração de responsabilidades.

Florianópolis, 08 de dezembro de 2017.

FAPEU

FEESC

FEPese

Notícias do Dia
"Nota de Esclarecimento"

Nota de Esclarecimento / Fapeu / Fepese / Feesc / UFSC / Controladoria-
Geral da União / Tribunal de Contas da União / Ministério Público

A PEDIDO

NOTA DE ESCLARECIMENTO

Tendo em vista os fatos divulgados na imprensa, as fundações de apoio à UFSC vêm esclarecer que se subordinam ao cumprimento da legislação. Sempre estiveram à disposição dos órgãos de controle e nunca deixaram de atender aos pedidos de informações, diligências ou auditorias da Controladoria Geral da União, do Tribunal de Contas da União, do Ministério Público e das instituições financiadoras.

Seus dirigentes e funcionários encontram-se à disposição para colaborar com o esclarecimento de todos os fatos e apuração de responsabilidades.

Florianópolis, 08 de dezembro de 2017.

FAPEU FEESC FEPESE

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

CLIPPING DIGITAL

09/12/2017

É hora de defender a universidade

Livro póstumo de Wilson Bueno descreve ilhas fantásticas ficcionais

Dramaturga Marina Carr leva 'Medeia' para a Irlanda em peça

O que tem a dizer o ministro da Educação sobre ações da PF na

UFMG e na UFSC

Vestibular UFSC 2018: Candidatos apontam matemática como parte

mais difícil do primeiro dia

Vestibular UFSC 2018: 31,3 mil candidatos disputam vagas neste

sábado em SC

Mais de 31 mil devem fazer provas do Vestibular UFSC 2018 neste

sábado, domingo e segunda

10/12/2017

Nem esperança nem equilíbrio

A firmeza da esperança

Vestibular UFSC 2018: segundo dia de provas é realizado neste

domingo em SC

Primeiro dia de vestibular da UFSC tem abstenção de 18,74%